

Um crucifixo de Anton Maria Maragliano em Mafra

Oferta do genovês Domenico Massa à Ordem Terceira da Penitência

SANDRA COSTA SALDANHA

Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja; CEAACP

A Ordem Terceira da Penitência de São Francisco, estabelecida na basílica de Mafra a 17 de Setembro de 1736, constituiu um dos principais núcleos de uma intensa vivência religiosa, comungada pela generalidade dos artistas activos na Real Obra, a partir desse período. Instituição de grande prestígio, que contaria com a directa protecção de D.

João V - de quem era “muito do Real agrado a Instituição desta V. Ordem nesta Real Igreja sua”¹ - oferecem-nos uma ideia da sua dimensão os 5.697 indivíduos que nela tomaram o hábito, entre 1736 e 1782. Com uma actividade quase sempre centrada no acolhimento de novos irmãos, ou nos preparativos da procissão anual, destacaram-se, entre as muitas personalidades que dela fizeram parte, os diversos agentes, mestres, oficiais e aprendizes, ligados às obras da basílica por estes anos².

Intensificando a sua actividade a partir de Janeiro de 1739, dela se

encontra reflexo na importante procissão da Penitência dos Santos Terceiros Franciscanos, inaugurada “com muita decência”³ a 27 de Março do ano seguinte (Gandra, 2001: 107). Processo que contou com a mediação de João Pedro Ludovice junto do rei, motivaria a encomenda de um significativo conjunto de imagens destinadas aos seus dez andores, da autoria do escultor Manuel Dias, bem como de diversas peças a António Rodrigues de Leão, “por ser este hum dos melhores ourives da prata”.

Contudo, o grande impulso dado à procissão da Penitência verificar-se-ia anos antes, justamente com a oferta de um emblemático crucifixo em madeira, trazido de Itália em 1739, pelo genovês Domenico Massa.

Domenico Massa: alguns contributos biográficos

À semelhança dos inúmeros mestres estrangeiros que se instalam em Portugal no reinado de D. João V, Domenico Massa foi um dos artífices contratados para a Real Obra de Mafra. Mestre carpinteiro que teve por missão acomodar “os sinos nas Torres, tanto de os por em seus lugares, como em lhe fazer as porcas”⁴, são escassos os testemunhos que melhor nos informem quanto à sua biografia ou actividade em Itália. Filho de Francesco Massa e Maria Jerónima, sabemos que nasceu em Génova, na paróquia de S. Jorge⁵, e que se encontrava em Portugal no início de 1739, onde chega acompanhado de João Nicolau Lavache, o célebre fundidor de Liège que, em 1730, realizara os sinos do carrilhão norte da basílica (Freire, 1933: 44).



Ao lado: Lápide de Domenico Massa, Igreja de Santo André, Mafra | Foto Paulo Almeida Fernandes

Em cima: Crucifixo da Ordem Terceira da Penitência de Mafra | Foto Nuno Saldanha



Anton Maria Maragliano, Crucifixo da igreja do Carmo de São Fernando, Cádiz
Foto Fernando Fossati



Anton Maria Maragliano, Crucifixo da Ordem Terceira da Penitência de Mafra
Foto Nuno Saldanha

Admitido na Ordem Terceira da Penitência a 19 de Março de 1739, seria remunerado “por conta da real obra de Mafra” a partir de Julho, com um vencimento fixo de 37\$500 réis. Elencado no livro de pagamentos da Casa das Obras e Paços Reais⁶, Domenico Massa junta-se assim às centenas de outros mestres ainda ocupados na basílica.

Estabelecido ao “sitio da Real Obra”, ali fixará residência e constituirá família. Contraindo matrimónio com a lisboeta Teresa de Jesus Feliciano (26-2-1740)⁷, suceder-se-ão os nascimentos das suas três filhas: Maria Jerónima (1741), Catarina Leocádia (1743) e Ana Joaquina Perpétua (1746)⁸. Integrado no meio local, e fortemente vinculado ao círculo de influências que ainda então se fazia sentir, foram padrinhos das duas primeiras, o arquitecto João Pedro Ludovice e Máximo de Carvalho Viegas, capitão-mor da vila⁹.

Registando-se o seu último vencimento em Janeiro de 1755, a remuneração do mês seguinte, seria já liquidada por sua mulher¹⁰. Dezasseis anos volvidos desde a sua chegada a Portugal, Domenico Massa viria a falecer em Mafra, a 24 de Março desse mesmo ano¹¹, sendo sepultado no “Adro da Ig.^a de S. Andre”, onde ainda hoje se conserva a sua lápide tumular¹².

O crucifixo genovês de Mafra e o escultor Anton Maria Maragliano

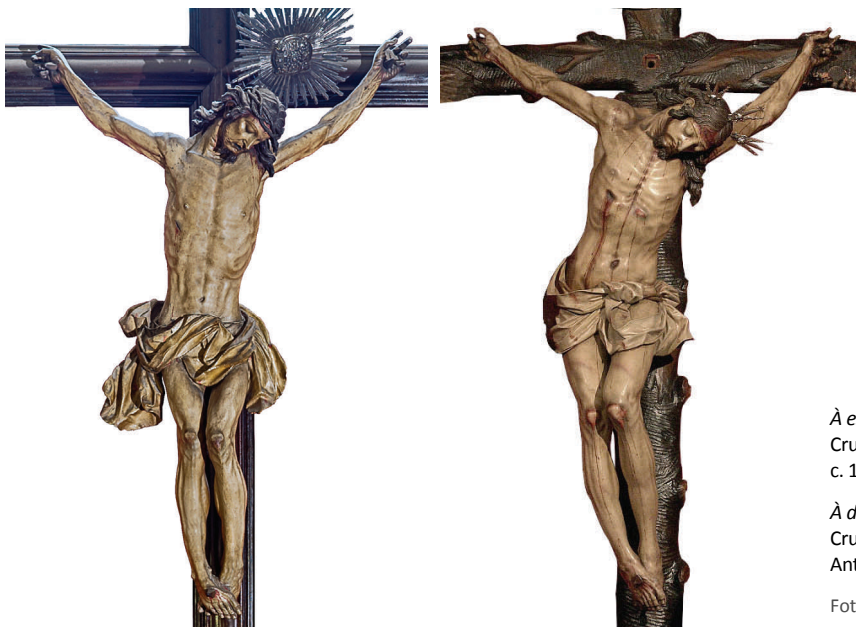
Como vimos, recebido na Ordem Terceira da Penitência a 19 de Março de 1739, Domenico Massa doaria nesse mesmo dia uma magnífica imagem de Cristo crucificado, em “madeira emcarnado a polimento de sete palmos de comprimento”¹³. Solememente benzida pelo padre guardião do convento, à minuciosa descrição da cerimónia se dedica toda uma acta do *Livro 1.º das eleições* da Ordem. Peça emblemática e de assinalável qualidade,

seria encomendada pelo mestre genovês “na sua Patria”, conforme se esclarece no citado documento.

Assim, atendendo ao panorama artístico daquele tempo, é Ayres de Carvalho quem desde logo a atribui a Anton Maria Maragliano (1664-1739), um dos mais prestigiados escultores barrocos do seu tempo. Célebre pelos trabalhos em madeira, foi responsável pela produção de inúmeras imagens devocionais, destinadas a ordens religiosas, congregações, irmandades e confrarias. Entre as suas obras mais relevantes destaca-se, precisamente, a produção de um vasto conjunto de crucifixos, nomeadamente, as representações de Cristo morto, crucificado com três cravos (a par dos seus igualmente célebres Cristos expirantes), tipologia onde, justamente, se inscreve aquele conservado em Mafra.

Tais analogias, porém, poderiam não significar, por si, uma directa intervenção do escultor genovês. Com efeito, é conhecida a dimensão da sua oficina, responsável por uma vastíssima produção de imagens devocionais, e pela qual passaram diversos artistas. Deste modo, através da actividade dos seus discípulos e seguidores - que perpetuaram um estilo próprio, de contornos bem definidos - a obra de Anton Maria granjeou uma enorme difusão, não apenas por toda a Ligúria, como além fronteiras.

Aceitando a presença de uma obra da sua oficina em Mafra, um outro elemento, porém, deve ser considerado: a presença de um dos seus filhos em Portugal, Giovanni Battista Maragliano, justamente, um dos que prosseguiu a actividade paterna, e o seu principal discípulo¹⁴. Extensamente recordado por Carlo Giuseppe Ratti, será o cronista quem relata a viagem do jovem artista rumo a Portugal, que supomos ocorrida no primeiro quartel de Setecentos (c. 1715-20). Fixando-se inicialmente em Cádiz, onde deixa algumas obras, acabaria por estabelecer oficina em Lisboa, cidade que, segundo o biógrafo, teria maior abundância de trabalho. Casado com uma portuguesa (Ratti, 1768: 172-173) - ou



À esquerda:

Crucifixo da igreja de Nossa Senhora do Loreto (sacristia), Lisboa c. 1715-25

À direita:

Crucifixo da igreja do Carmo de São Fernando, Cádiz Anton Maria Maragliano, 1733-36

Fotos Nuno Saldanha

espanhola, segundo uma outra versão (Ratti, 1762: 154) - viria a falecer tragicamente, assassinado por três discípulos, em circunstâncias minuciosamente descritas. Não poderemos, contudo, associá-lo ao crucifixo de Mafra que, como vimos, foi adquirido por Domenico Massa em Génova, em data anterior a 1739. Período em que este filho de Maragliano se encontraria já em Portugal (ou em que teria até falecido), nunca chegaria a herdar a oficina familiar, continuada, após a morte de Anton Maria (também em 1739), por Giovanni Maragliano, seu sobrinho.

Ainda assim, não poderemos ignorar a estreita colaboração estabelecida entre mestre e discípulos, na afamada oficina genovesa. Prática que se intensifica por essa mesma década de 30, muitos destes jovens escultores prosseguiram depois uma actividade autónoma (Sanguineti, 2012: 107). Porém, mais do que disseminar a expressão pessoal e estilística do mestre, a consequência imediata dessa proximidade foi, naturalmente, a propagação massiva de uma linguagem estereotipada. Resultando em obras de tratamento plástico mais simplificado (*Idem*), poderão identificar-se no vastíssimo *corpus* de crucifixos, genericamente definidos como *maraglianesche*. Deste modo, à falta de documentação que o ateste, dificilmente se pode autonomizar a autoria de tais obras, entre os muitos discípulos que permanecem anónimos.

Pese embora a dificuldade em estabelecer essa individualização, os mais recentes estudos, nomeadamente o notável catálogo das obras de Anton Maria Maragliano, compilado por Daniele Sanguineti, têm permitido aferir com maior segurança o nível de intervenção do mestre (total ou parcial) nas diversas encomendas dirigidas à oficina. É pois, com base nessas conclusões, que atribuímos a Anton Maria Maragliano uma directa participação no crucifixo de Mafra. Peça que seria, assim, uma das suas últimas obras, traduz assinaláveis afinidades com outros crucifixos da sua autoria¹⁵.

Obras persuasivas, evidenciando o martírio e a agonia de Cristo, uma das características mais marcantes dos crucificados de Maragliano são as suas composições assimétricas e serpenteadas, através da torsão e arqueamento do corpo. A imagem do Redentor emerge imponente e dramática, num efeito de tensão acentuado pela forte inclinação da cabeça, caída sobre o peito. De expressão serena, em paz ao alcançar o Reino dos Céus, a obra final traduz ainda os profundos conhecimentos anatómicos do autor, patentes na minúcia da execução, e realismo no tratamento do corpo, rosto e cabelos.

O crucifixo genovês do Loreto e o escultor Agostino de Negri

Partindo da obra que particularmente nos ocupa, resulta inevitável o confronto com uma outra existente em Portugal, também atribuída a Anton Maria Maragliano. Trata-se do crucifixo da sacristia da igreja de Nossa Senhora do Loreto, imputado ao escultor genovês por Fausta Franchini Guelfi (Guelfi, 2011: 234). Atribuição fundamentada com base em afinidades estilísticas¹⁶, já Daniele Sanguineti o considera como um trabalho de oficina, e não uma obra autónoma (Sanguineti, 2012: 392). Reflectindo, sem dúvida, a tão disseminada matriz *maraglianesche*, e até algumas analogias com os seus primeiros exemplares datados, a belíssima imagem que se conserva na igreja do Loreto distingue-se, porém, em vários aspectos, da generalidade dos trabalhos do mestre: o excessivo alongamento do corpo, a fisionomia mais austera, e um tratamento anatómico diferenciado.

Atendendo a tal constatação, não poderemos, pois, deixar de mencionar a participação de um outro genovês na igreja de Nossa Senhora do Loreto, o escultor Agostino de Negri (c. 1668-c. 1732). Com efeito, paralelamente à imensa actividade de Maragliano na Ligúria, outros artistas haveriam de se dedicar à escultura em madeira, em particular, na primeira década de Setecentos (Sanguineti, 1998: 61). Aliás, denotando a coincidência estilística do meio em que desenvolve a sua actividade, aos dois artistas (Negri e Maragliano) têm mesmo sido atribuídas obras comuns.

Natural de Camogli, e após uma passagem por Roma, Negri estabelece-se em Génova na oficina de Anton Domenico Parodi (c. 1644-1704). Responsável pela execução das poucas encomendas em madeira dirigidas ao mestre (Sanguineti, 1998: 61), seria distinguido por Ratti como um dos seus discípulos de mérito. Pese embora a experiência num meio claramente vocacionado para a escultura em mármore, Negri far-se-ia notar pelos seus trabalhos em madeira, nomeadamente como imaginário e entalhador (Casalis, 1840: 723).

Escultor sobre o qual praticamente nada se sabe¹⁷ - dificultando, portanto, um confronto adequado - uma hipotética relação com a encomenda do crucifixo da igreja do Loreto, vê-se reforçada pelo facto de hoje sabermos que, em 1722, seria remunerado pela execução de doze sacras, destinadas ao templo lisboeta dos italianos: "Per 288 V.^{ta} di dodeci Sacri conuiuii, cioè 192. pagate al scultore Agostino de Negri a 16. l'uno, e 96. pagavi all indoratore in argentar l'una 8 - 288."¹⁸

1. ARQUIVO DA IRMANDADE DA ORDEM TERCEIRA DA PENITÊNCIA DE MAFRA - *Livro 1.º das eleições, capítulos, decisões e assentos da mesa da Irmandade da Ordem Terceira da Penitência de Mafra*. N.º 1, fl. 3 (Publ. Saldanha, 2012: II, Doc. 251). Transcrição de Luís Saldanha Lopes, a quem agradecemos a generosa cedência desta informação documental. Não menos relevantes, quanto ao prestígio desta irmandade, serão ainda as colaborações de conceituados gravadores joaninos, como Rochefort e Debríe, autores dos registos utilizados nas patentes dos irmãos e escapulários dos dias festivos (Carvalho, 1955).
2. António Baptista Garvo (12-2-1736), Francisco Alvares Canada (8-12-1736), Domenico Massa (19-3-1739), João Pedro Ludovice (27-3-1740), Reinaldo Manuel dos Santos (22-8-1751), Alessandro Giusti (20-1-1754), Pedro António Avogadri (2-2-1754), José Joaquim Leitão (29-2-1756), Lourenço Lopes (2-3-1756), Salvador Franco (20-4-1756), D. Tomás de Lima, visconde de Vila Nova de Cerveira (3-10-1756), Joaquim Machado de Castro (27-2-1757), Francisco Vieira Lusitano (01-1-1758), João José Elveni (2-2-1758), Roberto Luís da Silva Campos (20-12-1761), Brás Toscano de Melo (1-8-1762), Francisco Leite Leal Garcia (28-10-1767), Silvério Martins (3-6-1770), João da Silva Pevides (8-3-1772). Entre estes, relevamos a significativa participação dos diversos escultores associados à produção retabular da basílica, a que recentemente nos dedicámos (Saldanha, 2012).
3. AIOT - *Livro 1.º das eleições...* fl. 33 (Publ. Saldanha, 2012: II, Doc. 253).
4. AIOT - *Livro 1.º das eleições...* fl. 24 v. (Publ. Saldanha, 2012: II, Doc. 252). Transcrição de Luís Saldanha Lopes, a quem agradecemos a generosa cedência desta informação documental.
5. AIOT - *Livro das recepções e profissões da Irmandade da Ordem Terceira da Penitência de Mafra*. N.º 1, fl. 172 (Publ. Saldanha, 2012: II, Doc. 62).
6. ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO - *Casa das Obras e Paços Reais*. Lv. 110.
7. ANTT - *Registos Paroquiais* Mafra, Santo André. Casamentos, Lv. 1, fl. 136 v.
8. ANTT - *Registos Paroquiais*. Mafra, Santo André. Baptismos, Lv. 1, fls. 186-186v, 215v-216; N.º 2, fls. 17v-18.
9. Catarina Leocádia Massa (c. 1745-1815) viria a casar com um dos mais prolixos discípulos de Alessandro Giusti e seu sucessor na Aula de Escultura, Brás Toscano de Melo (1741-1823), a 28 de Junho de 1772, enlace testemunhado pelo mestre, que foi padrinho dos noivos.
10. ANTT - *Casa das Obras...* fls. 76 e 115.
11. ANTT - *Registos Paroquiais* Mafra, Santo André. Óbitos, Lv. 2, fl. 32.
12. Sintoma da estabilidade profissional alcançada, e em reconhecimento pelos serviços prestados, as suas descendentes beneficiariam de uma tença anual, no valor de 60\$000 réis, inicialmente liquidada por conta das Obras de Mafra e, mais tarde, por via do rendimento da Obra Pia. ANTT - *Registo Geral de Mercês de D. Maria I*. Lv. 7, fls. 364, 373.
13. AIOT - *Livro 1.º das eleições...* fl. 24 v. (Publ. Saldanha, 2012: II, Doc. 252). Transcrição de Luís Saldanha Lopes, a quem agradecemos a generosa cedência desta informação documental.
14. Pese embora a consciência dos vários ramos familiares em Génova, o conhecimento de um filho de Anton Maria em Lisboa, leva-nos a salientar a notícia de outros Maragliano na capital, durante toda a centúria de Setecentos. Em concreto, será por entre os registos documentais da igreja dos italianos que poderemos atestar a fixação destes genoveses, pelo menos desde a década de 40:
 - Em 1741, a presença em Lisboa de “Pedro Ant.º Maragliano Genoves”.
 - ARQUIVO HISTÓRICO DA IGREJA DO LORETO - *Livro da Desobrigação do Prejeito Annual da Quaresma da Nação Italiana* (1739-1744), fl. 44.
 - A 20 de Setembro de 1747, é sepultado na igreja do Loreto José António Maragliano, filho de João Benedito Maragliano e de Maria Jerónima (falecida, por sua vez, a 8 de Abril de 1750), ambos genoveses e residentes em Lisboa. Era casado com Maria Vitória Mascarenhas, de Elvas. AHIL - *Registos Paroquiais*. Lisboa, Loreto. Óbitos, Lv. 1, fls. 108, 118.
 - O mais documentado entre estes foi, porém, um outro João Baptista Maragliano. Mais conhecido pelo seu apelido Flambó, dedicou-se às artes do espectáculo, como coreógrafo e “dançarino da Opera” (Garrido, 1881: 397; Sasportes, 1994: ccxiii). Filho de Rafaello e Maria Maragliano, nasceu em Génova (S. Teodoro) em 1748. Residente na freguesia das Mercês e, mais tarde, à Encarnação, viria a casar em 1775 com a saboiana Maria Rosa Giorgi (falecida em 1800). Desse matrimónio nascem oito filhos do casal: Inácia Maria Rafaela, Justina Maria Rafaela, Rafael Domingos Bernardo, Justina Faustina Josefá, Rafael Bernardo José, Joaquina Marta Micaela, Rafael Joaquim e Rafael João Baptista. Morre em Lisboa em 1796. AHIL - *Registos Paroquiais*. Lisboa, Loreto. Baptismos, Lv. 3 (fls. 190, 212 v, 230) 4 (fls. 14, 31 v., 79, 151 e 204); Óbitos, Lv. 2; fl. 26 v., 35 e 149; ANTT - *Registos Paroquiais*. Lisboa, Mercês. Casamentos, Lv. 4, fl. 25. Reforçando uma potencial relação destes Maragliano fixados em Lisboa com o universo da escultura, encontramos este último elencado no inventário *post mortem* do escultor Joaquim José de Barros Laborão (1762-1820), na extensa listagem dos seus devedores. Cf. ANTT - *Feitos Fíndos*. Inventários Post mortem, Letra J, Mç. 111, N.º 2, fl. 146 v.
15. De notar o tratamento distinto do cendal, que seria alterado anos depois da sua execução. Obra particularmente estimada e objecto de cuidados cuidados, em 1761, observava-se na imagem, “não só por alguns Ir. de Meza, como também por outras pessoas peritas na arte da Escultura (...) estar falta de algum ornato na toalha que lhe cinge a sintura”. Tal justificaria a decisão de que se “mandace acrescentar, e compor com madeira seguindoce a mesma forma da que tem sem descrepar em coiza alguma; que sendo assim ficaria a sacrosanta Imagem com mais decencia, e veneração.” Resolução subscrita por Francisco Vieira Lusitano (vice-ministro da Ordem) e Francisco Alvares Canada (síndico), a intervenção poderá atribuir-se a Joaquim Machado de Castro (Carvalho, 1956), recebido na Ordem havia já quatro anos e recentemente empossado seu definidor. A esse mesmo ano, remonta também a decisão de se realizar uma nova cruz para a imagem. Cf. AIOT - *Livro 1.º das eleições...* fls. 140-140 v. (Publ. Saldanha, 2012: II, Docs. 130, 254; Cit. Gandra, 2002: I, 180).
16. Nomeadamente, com os crucifixos do oratório da Santíssima Trindade de Carpenero e da capela Squarciafico da igreja de Nossa Senhora delle Vigne, em Génova.
17. Para um melhor conhecimento da sua actividade veja-se, sobretudo: Ratti, 1762: 89; Sanguineti, 2011-2012: 349; Guelfi, 2012: 13-15
18. AHIL - Caixa II, Doc. 13.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, Ayres de (1955) - O museu de uma casa do povo: quatro registos gravados inéditos. *Mensário das Casas do Povo*. Ano IX, N.º 108 (Jun. 1955) p. 3-4.
- CARVALHO, Ayres de (1956) - Irmandades de Mafra. *Mensário das Casas do Povo*. Ano X, N.º 117 (Mar. 1956) p. 10-13.
- CASALIS, Goffredo (1840) - *Dizionario Geografico, Storico, Statistico, Commerciale degli Stati Di S. M. Il Re di Sardegna*. Torino: G. Maspero Librajo. Vol. VII.
- FREIRE, João Paulo (1933) - Mafra: noticia-histórico-archeológica e artistica da vila e do paço conventual. *Monumentos de Portugal*. Porto: Litografia Nacional. Série 2, N.º 1.
- GANDRA, Manuel J. (2001) - Estampas religiosas gravadas do concelho de Mafra. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Mafra*. Mafra: Câmara Municipal. p. 89-120.
- GANDRA, Manuel J. (2002) - *O Monumento de Mafra de A a Z*. Mafra: Câmara Municipal de Mafra. 2 Vols.
- GARRIDO, Fernando (1881) - *Historia das perseguições políticas e religiosas occorridas em Hespanha e Portugal*. Lisboa: F.A. da Silva. Vol. 3.
- GUELFY, Fausta Franchini (2011) - Scultore genovesi per il Portogallo nel Seicento e nel Settecento. In FLOR, Pedro; VALE, Teresa Leonor - *A Escultura em Portugal - Da Idade Média ao início da Idade Contemporânea: História e Património*. Actas do Colóquio. Lisboa: Fundação das Casas de Fronteira e Alorna. p. 223-238.
- GUELFY, Fausta Franchini (2012) - Un coro d'angeli per la chiesa del Carmine. *La Casana*. Genova: Banca Carige. N.º 4, Anno LIV (ottobre-dicembre 2012) p. 10-15.
- RATTI, Carlo Giuseppe (1762) - *Storia de pittori scultori et architetti liguri e de forestieri che in Genova operarono*. MIGLIORINI, Maurizia (a cura di) - Genova: Istituto di Storia dell'Arte/Università di Genova, 1997.
- RATTI, Carlo Giuseppe (1768) - *Vite de' pittori, scultori, ed architetti genovesi*. Genova: Stamperia Casamara.
- SALDANHA, Sandra Costa (2012) - *Alessandro Giusti (1715-1799) e a Aula de Escultura de Mafra* [texto policopiado] Coimbra: [s.n.] 2 Vols. Tese de Doutoramento em História, variante História da Arte apresentada à Faculdade de Letras Universidade de Coimbra.
- SANGUINETI, Daniele (1998) - Scultura lignea genovese: i fratelli Galleano, Giovanni Maragliano e gli altri. *Antologia di Belle arti: Studi sul Settecento*. Torino: Allemandi. N.º 55-58, p. 52-67.
- SANGUINETI, Daniele (2011-2012) - *Scultura genovese in legno policromo. Materiali per un repertorio tra fine Cinquecento e Settecento*. Tesi di dottorato. Università degli Studi di Udine, 2011-2012.
- SANGUINETI, Daniele (2012) - *Anton Maria Maragliano (1664-1739)*. Genova: Sagep.
- SASPORTES, José (a cura di) (1994) - *Balli teatrali a Venezia (1746-1859): partiture di sei balli*. Florença: Editore Ricordi, 1994. Vol. 1.